MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - 48 - 2º andar
1999 **nº 185**

DELMINDA
UM CASO DE FAMÍLIA



Esta monografia é uma síntese da pesquisa que mereceu o Prêmio Eugênia Sereno - 1989, do Instituto de Estudos Valeparaibanos. Será tema de um romance regional. Sua autora destaca aqui alguns de seus principais personagens: Delminda, a filha rejeitada pela mãe, os seus avós e pai - todos padres, mulheres cultas (uma raridade na época), escolas para crianças expostas e carentes, preconceitos, usos e costumes. Os originais, com cartas confidenciais e documentos, estão no Arquivo Memória de Guaratinguetá, do Museu Frei Galvão.

Cenário e fatos pertencem a vida social e religiosa da Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá, no decorrer do século dezenove.

No ano de 1800 era nomeado Comissário da Santa Inquisição no Vale do Paraíba, o Vigário da Matriz de Santo Antônio de Guaratinguetá, Padre Francisco da Costa Moreira, então com 36 anos. Nascido em São Tiago do Mouquim - Portugal, era morador na Vila há algum tempo.

Para alcançar esse posto de grande importância na época, Padre Francisco sujeitou-se a um processo eclesiástico. O motivo: "em sua mocidade, no estado de sacerdote passou a tratar-se ilicitamente com Maria, solteira", do que resultou no nascimento dos filhos: Lourenço e Madalena Thereza de Jesus, que o padre tomou a seus cuidados. Os filhos não foram impecilho para obter a nomeação, mas motivaram sua vinda para o Brasil, pois "não havia pecado abaixo do Equador". Justificando esta frase informa o historiador Sérgio Buarque de Holanda que nas Colônias, as leis da Igreja eram menos rígidas do que na Europa, para facilitar o estabelecimento e

adaptação dos religiosos em locais tão distantes da Pátria-mãe e de suas famílias que raramente voltariam a ver... Pesquisa sobre a vida do Padre Francisco da Costa Moreira nos dá conhecimento de seus bens em Guaratinguetá: senhor de engenho com canaviais, 43 escravos, renda anual de 1 conto de réis, e, em Portugal, patrimônio avultado, recebendo anualmente 2 a 3 mil cruzados. Além das funções religiosas e de senhor de engenho, foi responsável pelas obras de ampliação da Matriz de Santo Antônio.

Quando se estabeleceu em Guaratinguetá resolveu trazer os filhos para sua companhia; primeiro veio o Lourenço, ainda menino e, um ano depois, Madalena Theresa de Jesus. A chegada da menina foi um acontecimento raro na época, atraindo a admiração do povo desde o Porto de Paraty. A longa viagem com a tropa de burros carregada de malas pela Serra do Quebra-Cangalha, a passagem por Cunha e a chegada à Guaratinguetá, acompanhada de sua dama de companhia, Anacleta Teresa de Jesus, de Lisboa, ficaram na memória da Vila, pela maneira como se trajavam, com "saias de muitos babados e cordões de ouro". Os tecidos e as maneiras de vestir não eram comuns na pobreza local, nem o uso de numerosos colares e medalhas - jóias da famosa ourivesaria portuguesa. O estabelecimento de tais personagens em Guaratinguetá foi justificado como sendo "os sobrinhos órfãos do senhor Padre Vigário que com ele vieram morar".

Em 1809, ainda jovem, Madalena casa-se com um senhor de Cunha, próspero fazendeiro com grandes extensões de terra entre Cunha e Guaratinguetá, Tenente Francisco José Nogueira (Tenente Chiquinho), casamento rico e feliz, com muitos filhos que deram origem à tradicionais famílias guaratinguetaenses. É notório, na história da família, o caso ocorrido com o carregamento de moedas e barras de ouro que o Tenente Chiquinho mandara transportar de Cunha para Guaratinguetá. Todo esse tesouro foi interceptado e pilhado por parentes, durante o transporte, com consequente enriquecimento dos usurpadores, origem da fortuna de futuros políticos da região.

A vida de Lourenço não foi tão tranquila quanto a de Madalena. Já seminarista e sacristão da Igreja Matriz de Guaratinguetá, pois deveria seguir a carreira do pai, começou a ter aulas com um dos homens mais cultos da Vila, o Licenciado e futuro Padre Manoel Gonçalves Franco. Este, na mocidade fizera seus estudos religiosos em São Paulo. Em 1764, entretanto, desistindo do Seminário, casa-se com Ana Rosa, filha do Capitão Inácio Correia Leite, de Pindamonhangaba com quem teve sete filhos. Moravam ao lado da Igreja Matriz de Santo Antônio, na atual rua Cel. Virgílio esquina com o Largo da Matriz, tendo a casa 12 portas, 6 janelas e grande biblioteca para a época. A casa aparece ao lado da Matriz, em desenho de Thomaz Ender, datado de 1817. Os livros, uma raridade para a época, foram registrados, anos depois, no inventário de seu proprietário que, inclusive, ensinou a leitura e a escrita para suas filhas - um fato também incomum para aquele tempo de mentalidade patriarcal. Achavam os pais que não se deveria ensinar uma mulher a ler e a escrever para que ela não "mandasse bilhetes para possíveis namorados, marcando encontros ou fazendo declarações de amor".

Manoel Gonçalves Franco era considerado nobre cidadão da Vila e apreciável compositor sacro. Enviuvando em 1801, passou a dar aulas, retomando à carreira eclesiástica. Foi inclusive mestre de Diogo Antônio Feijó (futuro Regente Feijó) que com ele estudou em Guaratinguetá. É citado por Regis Duprat em "Garimpo Musical" como um dos mais conhecidos "Mestres Capela" (músico-compositor) da Província de São Paulo.

Entre os alunos do Padre Franco, lá estava diariamente o jovem Lourenço para estudar Filosofia e Teologia.

Ciente de que havia moças na casa do professor, avistadas por ele durante as longas cerimônias da Semana Santa, "certo dia de aula, Lourenço fingiu sentir doença grave e foi levado para o interior da morada onde foi cuidado e onde começou a namorar Inês, a filha caçula do já Padre Manoel Gonçalves Franco. Foi um namoro avançado que resultou no nascimento de uma menina em 1815 que Inês, a mãe, disfarçadamente e no maior sigilo, mandou levar por uma escrava, embrulhada em uma manta, durante a noite, para ser exposta na casa de Dona Marcelina Freire de Jesus, sua prima" .

O costume de se colocar ou "expor" crianças na porta das casas, como foi feito com a filha de Inês, era uma forma de doação de crianças, filhas de mães solteiras, cujo nome não poderia ser conhecido na sociedade. Até nos cartórios havia livros para o registro dos "expostos" - que não eram poucos. Em numerosos casos, a criança era colocada na porta de parentes próximos da mãe, como aconteceu neste "caso de família".

DELMINDA

A recém-nascida, batizada com o nome de Delminda, teve por madrinha a irmã do seminarista, Madalena Thereza e por padrinho seu marido, Francisco José Nogueira, o Tenente Chiquinho.

Da casa de Dona Marcelina, onde fora exposta ao nascer, já maiorzinha, Delminda foi enviada para uma espécie de pensionato para crianças rejeitadas. Pertencia esta escola a Dona Inês Teodora e localizava-se em sua chácara, em cujas terras a proprietária também construiu a igreja de Santa Rita. Inês Teodora era enérgica com suas pupilas desobedientes. Costumava até castigar as crianças pondo a cabeça delas entre as pernas, levantando as camisolas e dando palmadas ou varadas na "bunda limpa", conforme diziam na época.

Delminda cresceu no pensionato sem saber quem era sua mãe. Inês persistiu em não tomar conhecimento da filha, ainda mesmo quando, após a morte do pai Manoel Gonçalves Franco, resolveu transformar a grande biblioteca paterna em sala de aulas para meninas, tendo entre as alunas a própria filha. Tratava-a bem mas nunca disse que era sua mãe.

Órfã do carinho materno, Delminda foi levada para Minas Gerais por seu pai, já ordenado Padre e nomeado Vigário de Itajubá Velho. Além de Delminda, Padre Lourenço levou também mais quatro filhos que tivera com uma senhora de Paraty, Francisca de Paula Amaral: Marcolino, Domiciano, Manoel e Felizarda. Outros filhos ficariam em Guaratinguetá.

Em Minas Gerais, Padre Lourenço da Costa Moreira tornou-se um personagem histórico: foi o fundador da atual cidade de Itajubá, construindo nova igreja. Deu uma educação esmerada para os filhos que se tornaram médicos e Felizarda e Delminda, mulheres instruídas e cultas.

Felizarda casou-se. Delminda, sentindo-se só e desambientada com as contantes "funçanatas", (noitadas alegres, passatempos divertidos) que aconteciam na casa onde vivia e que nada tinham a ver com seu temperamento calmo, sensato,resolveu casar-se. Apareceram dois candidatos, filhos do Capitão Manoel Alves de Sene: José e Juvencio. Delminda preferiu o Juvencio, com quem se casou em 1837, com 22 anos.

Após uns três anos em Itajubá, partiu com a família do marido para Silveiras, no Vale do Paraíba, ao pé da Serra da Bocaina, onde consolidaria a família com o nascimento de onze filhos. Muitos anos depois é que conheceria sua origem materna. Chegou a tentar contatos com a mãe que não respondeu suas cartas nem quis recebê-la...

Foi em Silveiras, no bairro da Bocaina do Sapé, lugar pobre de recursos, que a menina exposta de Guaratinguetá dedicava sua vida à missão de despertar em seus onze filhos, cunhados menores e em todas as crianças da Bocaina do Sapé, o amor ao saber, à instrução, à cultura, bens que a fizeram superar todas as dificuldades e traumas da infância sem a mãe.

Fundou uma escola e com seus próprios meios supria os alunos de material escolar, improvisando cartilhas, cadernos, quadros negros... Essa escola, ainda é lembrada por descendentes dos alunos de Delminda, "professora, amiga e mãe das crianças" por ela orientadas e ensinadas por métodos didáticos por ela criados, com os poucos recursos que possuía.

Quando sua mãe Inês morreu, tinha outros dois filhos também expostos a princípio, depois adotados como filhos após o seu casamento com Joaquim Bueno Garcia Leme, pai das crianças. O cadete Bueno, como era conhecido, foi abastado fazendeiro de café, citato por Taunay em sua obra História do Café. Em seu testamento, já idosa, Inês não se refere a Delminda, rejeitando-a até a morte, e contemplando com bens os outros dois filhos Ana Joaquina e Manoel Joaquim que embora cientes da existência da irmã não a procuraram "para não escurecer a memória da mãe", conforme justificavam...

Foi um neto de Delminda, o ilustre historiador e genealogista Dr. Carlos da Silveira que em 1939, em sua correspondência com o grande genealogista guaratinguetaense Dr. Gastão de Meirelles França, narrou a vida dessa mulher extraordinária que venceu as barreiras da rejeição materna contando para filhos e netos a verdade sobre seu nascimento e sublimando a desilusão imposta por sua mãe, através de uma existência dedicada ao ensino da criança carente...

NOTA - No desenho de Ender, a Igreja Matriz de Santo Antônio, em 1817. Cenário e época de Um Caso de Família.

MARIA ISBELLA MAIA FABIANO